




**Levados nas redes da memória:
narrativas sobre os cortejos
fúnebres da zona rural de Pinheiro
- Maranhão**

*Carried in the Networks of memory: narratives
about funeral processions in rural area of Pinheiro,
Maranhão*

*Llevados en las redes de la memoria: narrativas
sobre los cortejos fúnebres de la zona rural de
Pinheiro, Maranhão*

Julyana Cabral Araujo¹

 [0000-0003-0290-1067](https://orcid.org/0000-0003-0290-1067)

Resumo: O presente trabalho objetiva compreender as narrativas sobre os cortejos fúnebres rurais, em Pinheiro-Maranhão, Brasil. Adota-se a História Oral como método, por possibilitar o contato com experiências e memórias sobre a morte. Nesse sentido, busca-se responder ao questionamento: de que forma as narrativas sobre os cortejos fúnebres revelam experiências sobre o viver e morrer? O estudo revela a complexidade dos ritos de morte sintonizados com o cotidiano, como o uso das redes de dormir.

Palavras-chave: Narrativas. Memória. Cortejos fúnebres. Pinheiro-MA.

Abstract: This study aims to understand narratives about funeral processions in the rural area of Pinheiro, Maranhão, Brazil. It adopts oral history as the methodological approach, as it enables access to lived experiences and memories of death. It seeks to answer the following question: in what ways do such narratives reveal experiences of living and dying? The study highlights the complexity of death rites as articulated with everyday life, such as the use of hammocks.

Keywords: Narratives. Memory. Funeral Processions. Pinheiro-MA.

Resumen: Este estudio tiene por objetivo comprender las narrativas sobre los cortejos fúnebres en la zona rural de Pinheiro, Maranhão, Brasil. Se adopta la historia oral como enfoque metodológico, por posibilitar el acceso a experiencias y memorias de la muerte. Se busca responder: ¿de qué modo tales narrativas revelan experiencias del vivir y del morir? El estudio evidencia la complejidad de los ritos de muerte articulados con la vida cotidiana, como el uso de hamacas.

Palabras-clave: Narrativas. Memoria. Cortehjos Fúnebreas. Pinheirro-MA.

¹ Doutoranda em História pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA. Professora da Secretaria Municipal de Educação de Pedro do Rosário - Maranhão (SEMED Pedro Rosário/MA). Lattes: [1170915415048750](https://lattes.cnpq.br/1170915415048750) - E-mail: julyanacabral007@gmail.com.



Introdução

Este trabalho é um encontro entre as discussões ocorridas durante a disciplina *História do Tempo Presente, Memória e Oralidade*, ministrada pela Profª. Dra. Isabel Ibarra Cabrera no curso de Doutorado em História da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), e minha trajetória de pesquisa. Parto do ponto inicial da pesquisa: a graduação em Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas - habilitação em História na UFMA, *Campus* Pinheiro, onde tive a oportunidade de desenvolver estudos sobre: Arte Cemiterial, História, Iconografias e Devoções na Baixada Maranhense, como bolsista de Iniciação Científica, entre os anos de 2014 e 2018. Dando continuidade no Mestrado acadêmico em História pelo Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal de Goiás, entre 2020 a 2022.

Durante a pesquisa de mestrado percorri alguns povoados da zona rural de Pinheiro, especificamente a região denominada de Chapada. Por esses caminhos escutei muitas narrativas sobre os ritos de morte. No primeiro momento, meu interesse era somente sobre o “Dia de Finados” e todo o contexto ritualístico de preparação de artefatos materiais utilizados no cemitério para esse referido dia. Contudo, a pesquisa foi sendo direcionada para os ritos que aconteciam pelos caminhos, nas encruzilhadas até chegar ao cemitério.

Antes de recorrer às narrativas e ao método de História Oral, a única fonte que tinha à disposição era os impressos do *Jornal Cidade de Pinheiro*, do século XX. Esse jornal circulou na cidade e representava um discurso da elite pinheirense: comerciantes e pessoas mais favorecidos. O que o referido jornal informa sobre os cemitérios é voltado somente para as arrecadações com a venda dos terrenos. Quando narra sobre as manifestações culturais, trata sempre de forma pejorativa discriminando os cemitérios rurais que se encontravam espalhadas pelos povoados.

Por isso, o método da História Oral, com suporte das entrevistas, foi um aliado importante para chegar a algumas interpretações sobre os ritos de morte na região. Nesse sentido, esse estudo insere-se no campo da *História do Tempo Presente* pela emergência do trabalho com fontes vivas e suas memórias. O artigo em questão caminha no sentido de também respeitar as limitações das fontes e a necessidade do cuidado na relação entre entrevistado e entrevistador.



Sobre essa questão, Portelli (1997) esclarece que cada presente tem uma memória nova e apresenta elementos novos do cotidiano, por isso, a memória tende a ser fluída à medida que as relações entre os sujeitos históricos no espaço e no tempo tende a mudar. Essa flexibilização da memória ocorre de acordo com novas interações sociais, assim, o presente reformula o que é lembrado sempre em articulação com fatos do passado.

Pensar as narrativas sobre os ritos de morte é também levar em consideração tanto essas articulações entre passado e presente quanto a ideia de memória, como sentimento de pertencimento, tal como propõe Pollak (1992). Outra ideia pertinente para esse estudo é o de identidade formulada a partir das memórias compartilhadas nas fronteiras socioculturais. Dessas “memórias em disputa” surgiu o objeto e problemática deste estudo.

Para responder ao questionamento: de que forma as narrativas sobre os cortejos fúnebres revelam experiências de vida e modos de organização de uma dada comunidade? É preciso entender que a memória compartilhada é um elemento do sentimento de identidade individual e coletiva (Pollak, 1992). A lembrança narrada é sempre uma imagem de si para si e para o outro e exige uma relação dialógica com o outro.

É sempre nos pontos conflituosos, de lembranças e esquecimentos, contatos e negociações, que surge um fato importante para ser lembrado. Essa diversidade de lembranças-memórias e de disputas entre os próprios subgrupos deve sempre ser levada em consideração para evitar o entendimento de que tudo é passível de ser lembrado e que há uma homogeneidade nas lembranças.

Por isso, é importante pensar em questões metodológicas para além dos manuais de História Oral, pois cada pesquisa exige um olhar diferenciado. Pollak (1992), chama atenção para a necessidade de perceber o discurso de forma sensível ao pluralismo de oralidades e atos. Como esse estudo recorre a narrativas sobre ritos de morte e também a histórias de vidas atreladas a essas narrativas é necessária uma sensibilidade em relação à gestão da memória evitando distorções.

Nesse entendimento é caro o conceito de memória proposto por Pierre Nora (1993) que entende a memória como algo vivo. Isso deve-se pela permanente mudança das lembranças abertas a dialética do esquecimento e ao mesmo tempo vulnerável a manipulações. Enquanto a História é a reconstrução problemática do passado em diálogo com o presente, a memória é sempre suspeita para a história.



Nessa linha de pensamento, o discurso por trás da narrativa necessita da interpretação feita pelo historiador, ou seja, é necessário compor um todo a partir de um conjunto de fragmentos de lembranças. O historiador, na sua prática, deve fugir da mera caricatura e reprodução das forças aparentes, em outras palavras, é necessário enxergar a história além das forças mecânicas e da sequência cronológica dos fatos e entender os discursos nas suas cronologias plurais (Humboldt, 2010). Por isso, a riqueza da oralidade está na realidade viva por trás da superfície dos acontecimentos.

O mesmo ocorre em relação às temporalidades a serem analisadas nesse estudo que podem ser entendidas de forma múltipla. Não existe tempo social correndo de maneira única e simples, e sim um tempo social com mil velocidades (Revel, 2010). Pode-se dizer que é o princípio de variação de escala que importa, e não a escolha de uma escala peculiar de observação.

Nessa mesma perspectiva de análise, percebo que o estudo dos ritos de morte só é possível através dessa ótica de jogos de escala temporal e espacial. Falo isso, pois, em um dado momento, lido com a perspectiva micro, ou seja, trajetórias de vida, vivências e, em outro, lido com o macro, a pluralidade dos mundos sociais. Jacques Revel (2010), nesse ponto, ajuda pensar os jogos de temporalidades e os indivíduos dentro das relações possíveis com outros indivíduos e com quadros sociais mais amplos.

A noção de “espaço” e “tempo”, proposta por Koselleck (2014), também ajuda a pensar essa realidade. Essa dimensão temporal vivenciada no contexto ritualístico demonstra esse diálogo entre espaço e tempo diversos. Pode-se observar tanto a repetição e permanência de alguns ritos dentro de um determinado “espaço de experiência” como algum fato novo do tempo presente, ou seja, “[...] cada espaço de ação humano, público ou particular, seja no âmbito da observação e da interação interpessoal ou no âmbito das interdependências globais, sempre tem também, é claro, uma dimensão temporal para que possa ser vivenciado” (Koselleck, 2014, p. 83)

A exemplo disso, são as práticas em Dia de Finados na Baixada Maranhense que preservam a colocação de velas, flores nos túmulos, cofos feitos a partir da fibra da palmeira do babaçu, mas que, ao passo que algumas famílias perdem os anciãos alguns ritos não continuam, como: as corridas a cavalo em frente aos cemitérios. Nesse sentido, o estudo dos



rituais exige um olhar para essas múltiplas temporalidades. Os ritos pela própria natureza do objeto trazem gestos característicos de situações e temporalidades diferentes.

Nesse caso, o historiador (a) deve ir além dos contextos aparentes e atentar-se aos enunciados inscritos na tradição oral, por exemplo. Assim, as significações dos ritos de morte estão envoltas em uma multiplicidade de espaços e tempos. Essa percepção ocorre à medida que o entrevistador(a)-pesquisador(a) escuta atentamente as narrativas, os ditos e não-ditos.

Assim, a partir da observação das práticas rituais é possível inferir que as estruturas sociais se modificam em diferentes ritmos. Para Koselleck (2014, p. 14): “[...] seria incorreto supor que todos eles se modifiquem ao mesmo tempo ou em paralelo, ainda que aconteçam ao mesmo tempo, no sentido cronológico, e estejam entrelaçados”. Mesmo nos ritos tradicionais as estruturas de repetição não são reproduzidas de forma homogênea devendo, pois, ser levado em consideração as mudanças, rupturas e continuidade.

É perceptível, nas narrativas sobre ritos de morte na zona rural, essa fusão de temporalidades e diversas percepções de tempo. O conhecimento do passado dito “objetivo” não basta para explicar o presente, sendo preciso acrescentar-lhe o conhecimento da percepção presente do passado. Esse “presente do passado” é precisamente a memória (Alberti, 2013). Sendo assim, levados nas redes da memória, foram sendo tecidas experiências de vida e morte contadas por narradores entre os caminhos da zona rural de Pinheiro-MA, como pode ser visto a seguir.

Redes da memória: narrativas sobre os cortejos fúnebres da zona rural de Pinheiro

O processo de recordar é cheio de significações. As lembranças dos cortejos fúnebres e seus desdobramentos eram algo recorrente nas narrativas sobre a morte e demonstravam um sentido próprio relacionado às experiências de vida dos narradores. Por reunir pessoas de diversos lugares, os cortejos fúnebres, da zona rural de Pinheiro, não tinham uma única definição e em cada nova manifestação anual fazia-se presente um fato novo.

As narrativas de Diló, uma senhora de 85 anos, moradora da comunidade quilombola Queimada de João, por exemplo, recordam as gritarias e o translado em redes dos defuntos pelos caminhos que interligam os povoados até chegar ao cemitério mais próximo. Tais redes eram concedidas na forma de empréstimo com a finalidade de levar o defunto ao cemitério.



Esse tipo de manifestação é parte da vivência cotidiana fazendo relação com a identidade e memória dessas povoações.

Thomson (1997), fala sobre isso da seguinte forma: reminiscências são passados importantes que compomos para dar um sentido mais satisfatório à nossa vida e para que exista maior consonância entre identidades vividas tanto no passado quanto no presente, ou seja, recordar é uma forma de identificação de identidade, as narrativas trazem marcas do passado e moldam-se ao presente. Assim, considera-se que a identidade molda as lembranças. Isso fica explícito na voz de Diló, transcrita abaixo, sobre as cenas dos cortejos:

Eu tinha medo da gritaria, não era do defunto, eles vinham gritando e eu tinha medo. Uma vez meu pai, meu pai era vaqueiro, uma vez ele levou um cachorro e o cachorro cortou a língua da vaca, quando veio vinha gritando, eu já pensava que era defunto que eles vinham trazendo, eu tava juntando coco, eu larguei o cofo de coco e corri para dentro do mato, pensando que era defunto (informação verbal)²

Os traslado dos corpos nas redes destacam-se por ser um objeto identitário de caráter artesanal muito utilizada no dia a dia do baixadeiro. Esse objeto e seu uso podem ser pensados desde o ato de dormir até no momento do sono eterno, ou seja, a morte. Nos ritos funerários, era comum que além de transportados em caixões de madeira os corpos eram levados em redes até o cemitério. Sendo comum, nas regiões mais pobres do Nordeste, o traslado dos corpos até os cemitérios em redes, então chamadas de rede de defunto (Ziegler, 1977).

Como bem constata Luiz da Câmara Cascudo (2023), o enterro em redes, ainda reside por todo interior do Brasil entre a população pobre e residente nos arredores; de vilas ou povoados maiores, ainda no Norte de Minas Gerais, Sul de São Paulo e todo sertão nordestino, a rede, às vezes, carrega o defunto para os cemitérios. Na Baixada Maranhense, esse objeto é muito utilizado, como salienta Sousa (2015, p. 101), ao descrever a prática de tecer redes atrelada a memória e história da região ligada à ancestralidade indígena: “[...] em São Bento encontrei indícios dessa filiação quando uma artesã de aproximadamente 65 anos afirmou que suas avós eram índias [...]”.

As narrativas de Diló também revelam que é comum neste cemitério o envolvimento dos moradores das comunidades nos ritos e em dias festivos, como Dia de Finados. Já em dias de enterros é sempre alguém da comunidade que ajuda no traslado do corpo, na

² Informação fornecida por Benedita Bernadina Alves, comunidade quilombola Queimada de João, Pinheiro-MA, em 2 de novembro de 2021.



abertura da cova, na feitura da cruz provisória de madeira e em todo contexto ritualístico, ou seja, quando alguém morre há uma mobilização comunitária.

Ouvir cada narrativa e depois transcrevê-las para outro tipo de linguagem, a escrita, exigiu certo zelo com cada narrador. Foi necessário saber “ouvir contar” (Alberti, 2004) cada detalhe por trás das palavras pronunciadas. Sabendo disso, acrescento que na voz de cada personagem dessa trama social é percebida a afetividade. Percorrendo os caminhos que ligam os povoados da Chapada em contato com a senhora de nome Adenir de Jesus, de 66 anos de idade, outras memórias foram sendo compostas.

Na ocasião, Adenir, uma mulher de cabelos lisos e grisalhos, estava sentada na calçada à frente da sua casa, acompanhada da sua filha mais velha; aquilo parecia-lhe um ato costumeiro de todos os fins de tarde. Nesse dia, a pesquisa de campo seguia com tom de conversa agradável ao fim de tarde, acompanhada de duas amigas: Josinelma Rolande e Girlane, a primeira que também estava fazendo trabalho de campo, mas, sobre as narrativas de mulheres indígenas “pegas no mato a cachorro” na região da Baixada Maranhense e a segunda, Girlane, gentilmente acompanhava o trabalho com um olhar atento de quem conhecia bem os lugares. Assim, na calçada da casa de Adenir munidos de um gravador, um ouvido atento e um caderno de campo ouvimos narrativas instigantes.

No mesmo instante, da entrevista, havia o fluxo de pessoas na estrada e o “barulho” das galinhas d’água no fundo do quintal competindo com o “barulho” das lembranças de Adenir. Nesse mesmo clima cotidiano acontecia a movimentação dos cortejos em ocasião do falecimento de pessoas das comunidades do entorno da casa de Adenir. Essas mesmas narrativas trazem traços das lembranças de uma prática muito criticada no *Jornal Cidade de Pinheiro*: o acompanhamento dos sepultamentos de forma festiva e de muita expressão popular, consideradas, nas páginas do periódico, como “algazarras”. Assim são lembrados por Adenir quando questionei sobre os caminhos que levam ao cemitério São José e como eram esses cortejos:

[...] era uma gritaria que fazia até medo, era uma cachaçada, latindo feito um cachorro, fazia até medo, fazia acoã. Ah! era uma doidice, fazendo acoã, aí diziam do São Romão morreu que já tão levando e gritando demais, tinha um caminho aí por dentro. Eles bêbado faziam imitando o pássaro, gritavam acoã, vai a cova, vai a cova, passava aí por detrás tinha uma estrada de primeiro, agora entupiu a estrada.



A gente só escutava eles passar gritando, olha morreu gente do São Romão, porque a gritaria que tá é danada (informação verbal).³

Algo interessante citado nessa narrativa é a presença mística dos animais como o Acauã ou Acoã (*Herpetotheres cachinnans*), uma ave pertencente à ordem dos Falconiformes, da família *Falconidae*, falcões de tamanho médio que têm as asas curtas e uma cauda arredondada e longa. Seu triste canto significa morte e agouro, essa fama de predição de algo ruim do pássaro ficou registrada na música interpretada por Luiz Gonzaga de título *Acauã*, que faz alusão da seca no sertão com o canto da ave. O dicionário do *Folclore Brasileiro*, escrito por Cascudo (2023), faz menção a acauã como uma ave com poderes místicos na cosmologia das tribos tupis seja na construção dos mitos, como sinal de chuva e de um novo visitante, ou como sinal de maus presságios.

Os cortejos fúnebres são manifestações culturais vivas nos grupos sociais da zona rural e nunca passaram despercebidos. Por esse fato, ainda permanecem latentes na memória da coletividade. Entende-se que os lugares guardam suas particularidades em torno da morte e, nessa e em outras narrativas, os cortejos fúnebres eram acompanhados por parentes e amigos ao passo que mobilizavam a vida social desses povoados. A forma de comunicação avisando que o corpo estava passando se diferenciava de um povoado para outro, por exemplo: se vindo do povoado São Romão, era uma gritaria imitando o pássaro acoã, como assim se recorda a interlocutora Adenir.

Dessa forma, cada povoado, apesar das fronteiras bem próximas, guardava seus ritos peculiares para demarcar os anúncios de morte, como também, consequentemente, memórias diferentes sobre o mesmo fato. Os cortejos, por exemplo, eram regados a muita cachaça e tidos como uma festividade comunitária, conforme relatado pela filha de Adenir, que também participava da entrevista. Tanto na fala de Adenir quanto da sua filha há demarcadores de tempo ao longo das narrativas sendo comum a relação entre passado e presente nas expressões faladas: “de primeiro e agora”. A fala da filha de Adenir foi importante para demarcar esse confronto de gerações e reafirmar que alguns ritos permanecem e outros passaram por mudanças.

³ Informação fornecida por Adenir de Jesus, povoado Bandeira Branca, Pinheiro – MA, em 18 de fevereiro de 2022.



Um fato interessante foi a ocasião do falecimento do marido de Adenir, enterrado no cemitério São José, recordado da seguinte forma: “[...] cada hora um queria levar um pedacinho, eles trocavam quando um cansava, um levava um pedaço ou eles trocavam [...]” (informação verbal).⁴ O atributo de carregar o corpo do defunto era atrelado aos parentes e amigos próximos como sinal da última homenagem, o caso do marido de Adenir foi bem parecido com os demais cortejos. Durante o velório do corpo, momentos antes do cortejo até o cemitério, houve a reunião ao redor da mesa de jogos acompanhado da cachaça para esquentar a noite fria com a presença da morte. E nessa dinâmica, todos participavam em reverência ao morto e em solidariedade à família.

De forma similar, foi lembrado por Renê, de 78 anos de idade, morador do povoado Mata do Brito. Renê tem parentes e amigos enterrados no cemitério São José, inclusive sua esposa, Maní, falecida no ano de 2021 e enterrada ao lado da sua avó, no referido cemitério, conforme pedido ainda em vida. Na ocasião, muitos moradores da região da chapada, apesar da distância de onde aconteceu o velório até o local do enterro, acompanharam os ritos de despedida da esposa de Renê. Esse caso merece destaque pelas redes de parentescos que relacionam Renê e o cemitério São José (Araújo, 2022).

Outro tipo de ligação do entrevistado de nome Renê com os ritos de morte, deve-se por meio de suas lembranças em relação ao amigo, conhecido na região como pajé e curador, Zé Pretinho, falecido com 85 anos e enterrado no cemitério São José. É comum na região que a escolha do local de sepultamento fosse por ligações de parentesco e por pertencimento ao local, conforme dito pelo filho de Zé Pretinho. Ainda na entrevista com Renê, quando questionado sobre o dia do enterro de Zé Pretinho, narrou o seguinte: “levaram ele andando, veio muita gente, muita gente de todo lugar até de Santa Helena” (informação verbal).⁵

O estudo, de cunho monográfico, de Evileno Ferreira (2018), relata a trajetória de Zé Pretinho, homem influente na região da Baixada pela sua atuação itinerante com festividades religiosas e práticas de curas organizadas por ele no terreiro de Santa Bárbara. Geralmente, eram pagamentos de promessas a santos ou entidades, sendo possível notar a relação entre devoção e brincadeira.

⁴ Informação fornecida por Adenir de Jesus, povoado Bandeira Branca, Pinheiro-MA, em 18 de fevereiro de 2022.

⁵ Informação fornecida por Renê Pinheiro Soares, povoado Mata do Brito, Presidente Sarney-MA, em 18 de fevereiro de 2022.



Nessa perspectiva, os cortejos fúnebres e seus desdobramentos faziam parte do cotidiano daquela povoação. Além de reunir pessoas de diversos lugares, passava por remodelações anualmente apresentando um fato novo. Os rituais de morte, na zona rural sertaneja, é um episódio particular, um evento que expressa dor e tristeza e ao mesmo tempo é um momento de descontração entre familiares e amigos. Assim, esses espaços destinados à morte aliam comunhão e tradição de referência aos mortos. Havendo elementos indispensáveis para essa relação dos vivos com os mortos desde a preparação do velório até o sepultamento.

Considerações Finais

Tendo em vista o caminho percorrido, até aqui, penso que este estudo ainda precisa retomar algumas narrativas para buscar entender alguns silêncios. Portanto, este trabalho é mais um relato de uma pesquisa em andamento do que algo concluído. Isso fica claro à medida que novas possibilidades abrem-se para entender novos contextos e sentidos em relação à morte na região da Baixada Maranhense, por tratar-se de uma região complexa e de múltiplas fronteiras de interpretações.

Quando falo de fronteiras, refiro-me aos caminhos percorridos, muitas vezes conectados e distintos ao mesmo tempo. Lugares de conflitos e negociações em que culturas distintas chocam-se e formam um dado novo na História. E o que poderia ser um problema para a interpretação dos fatos produzem novos sentidos, novas problemáticas de pesquisa e instiga, por outro lado, novas reflexões.

No entanto, pensar a morte e todas as suas representações é algo que exige, além de métodos e roteiros estruturados, a necessidade de tentar ver o outro em todas as suas sensibilidades. Segundo Laroca (2023) o ato de observar além de ouvir e narrar é algo comum no contato com as “testemunhas”. O autor faz referência a processos criminais e a importância de saber olhar e ouvir as testemunhas. Nesse contexto, o “ver” é mais intenso ao impor um fato, pois, é através do ato da observação que constroem-se concepções, já o ouvir é influente quanto à intencionalidade do pesquisador.

Fica a reflexão de que analisar os fatos de um processo-crime envolvendo testemunhas e fatos cotidianos assemelha-se ao exercício do olhar, do ouvir e do narrar, como passos da prática metodológica da História Oral. Através da escuta das narrativas e da



interpretação dessas vozes o narrador e entrevistador ficam mais próximos, uma vez que, a arte da escuta exige uma certa reciprocidade. Como fala Benjamim (1994), essa relação está no interesse de conservar o que foi narrado. O ato de conservação dessa memória está também no reconhecimento de que ela pode ser flexível. A necessidade de preservar um passado vivido é importante para essas pessoas. Tem a função de recuperar a vivacidade da memória a cada narrativa cheia de experiências de vida transmitidas pela oralidade.

Outro ponto destacado nas narrativas sobre a morte é a memória ligada a lugares como, os cemitérios e os caminhos, onde passavam os cortejos dos mortos levados nas redes. Cada lugar remete a lembranças, memórias afetivas que denotam sentimentos e sensações como parte da experiência de cada pessoa. Dessa feita, pode-se dizer: a memória traz consigo sentimentos de: pertencimento e identidade construídos através dessas lembranças.

Pode-se dizer também que as narrativas, desses ritos pela zona rural de Pinheiro, nos instigam a perceber o que está por trás de cada enunciado de lembranças, para assim, ir além do que foi dito. Assim, busca-se entender, além de narrativas sobre uma temática específica, contextos de morte entrelaçados entre si na trama da vida.

Referências

Alberti, Verena. **Manual de História Oral**. 3ª Ed. - Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

Alberti, Verena. **Ouvir Contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

Araújo, Julyana Cabral. **Cofos e velas**: tessituras da morte em Dia de Finados no Cemitério São José, zona rural de Pinheiro-MA. Dissertação (Mestrado em História). Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2022.

Benjamin, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7ª Ed. - São Paulo: Brasiliense, 1994.

Cascudo, Luís da Câmara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. 12ª Ed. - São Paulo: Global Editora, 2023.

Ferreira, Evileno. **Caminhos da Pajelança em Pinheiro**: Rastros de Zé Pretinho. Monografia (Licenciatura em Ciências Humanas). Pinheiro: Universidade Federal do Maranhão, 2018.



Humboldt, W. Von. Sobre a tarefa do historiador. *In*: Martins, Estevão Rezende de. **A História Pensada**: teoria e método na historiografia europeia do século XIX. São Paulo: Contexto, 2010.

Koselleck, Reinhart. **Extratos de tempo**: estudos sobre história. Rio de Janeiro: Contraponto, 2014.

Laroca, Barbosa Wiliam Lucas. Entre o olhar e o ouvir: produções testemunhais em processos criminais de Baile em Irati (1912-1937). (2023). **Revista Tempo, Espaço e Linguagem**, v. 14, n. 2, p. 39-67, 2023.

Nora, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. **Revista Projeto História**, v. 10. p. 7-28, 1993.

Pollak, Michael. Memória e Identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, v. 5, p. 200-215, 1992.

Portelli, Alessandro. Tentando aprender um pouquinho: algumas reflexões sobre a ética na História Oral. (1997). **Revista Projeto História**, v. 15, p. 13-49, 1997.

Revel, Jacques. Micro - História, macro-história: o que as variações de escala ajudam a pensar em um mundo globalizado. **Revista Brasileira de Educação**, v. 15, n. 45, 2010.

Sousa, Beatriz de Jesus. **Tramas de gênero**: um estudo sobre as mulheres que tecem redes de dormir em São Bento – MA. São Luís: EdUFMA, 2015.

Thomson, Alistair. Reconstituindo a Memória: questões sobre a relação entre História Oral e as memórias. **Revista Projeto História**. v. 15, p. 51-84, 1997.

Ziegler, Jean. **Os vivos e a morte**: uma “sociologia da morte” no Ocidente e na diáspora africana no Brasil, e seus mecanismos culturais. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

Submetido em: 20 de agosto de 2025

Avaliado em: 01 de setembro de 2025

Aceito em: 05 de outubro de 2025